Caso 1

Hélia, pernambucana, forte sotaque, 40 anos, seis filhos, dá entrada na maternidade em trabalho de parto, já com 6cm de dilatação, fase ativa. O acompanhante (pai do bebê que vai nascer) é impedido de entrar e a enfermeira faz Hélia retirar cordão do pescoço e os óculos – Hélia não enxerga com nitidez nem de longe, nem de perto. Hélia protesta e a enfermeira retruca: “Para quê vai querer ver a cara do sétimo filho? Nordestino tem tanto filho, que diferença faz a cara?”. E Hélia pariu rapidamente, recebendo seu bebê sem conseguir enxergar-lhe as feições.

Caso 2

Maria Cecília tem 46 anos e está dando à luz seu primeiro filho. Deu entrada na maternidade do convênio, em trabalho de parto ainda em fase latente, com apenas 3cm de dilatação. A triagem resolveu interná-la para indução. Maria Cecília procurou informar-se durante a gestação e quer usar os métodos naturais para ajudar o bebê a nascer e a controlar a dor. Quer ir para o chuveiro, ir para a bola, caminhar. O máximo que a equipe permite é caminhar um pouco no corredor. Ela está sentindo muita dor, porque o médico mandou dar ocitocina sintética, para ver se “apressa” o parto. Ela insiste em ir para a bola e para o chuveiro e a equipe finge que não ouve, ri dela. Maria Cecília escuta o comentário de que é velha e ridícula, que na idade em que está jamais vai conseguir ter um parto normal. Não a deixam mais caminhar, falam novamente que, na idade dela, não vai adiantar e só vai deixá-la mais cansada. Após 10 horas sentindo muita dor, ela desiste. O médico diz que o bebê está sofrendo e faz uma cesariana.

Caso 3

Tatiana e Beatriz são um casal lésbico. Tatiana engravidou por doação de esperma de um amigo. Quando a bolsa rompe, elas vão para o hospital do convênio. Beatriz quer entrar, como acompanhante. A equipe diz que sim, mas começam a rir delas, ao perceberem que são um casal. Tatiana quer parto normal, quer caminhar durante o trabalho de parto, com a ajuda de sua companheira. Uma enfermeira carrancuda comenta, audivelmente: “Que falta de vergonha. Vão ser sapatão lá na casa delas, isto aqui é um hospital religioso!”.

Caso 4

Diana e Euzébio vão ter o segundo filho. Diana é branca e loira, Euzébio é negro. Ao darem entrada na maternidade e irem para a triagem do hospital particular de bairro nobre da cidade, a enfermeira pergunta a Diana: “Seu motorista não pode ir pegar a mala no carro?”

Caso 5

Ana e Letícia são um casal e estão juntas há mais de 8 anos. Ana tem 37 anos, nasceu em São Paulo e é professora. Letícia tem 32 anos, é atriz e veio de Pernambuco, mora em São Paulo há 10 anos. Fizeram o casamento civil assim que foi permitido no país. Ambas tinham o desejo de ter filhos e chegaram a procurar o serviço público para ter acesso à reprodução assistida. Foram informadas que não se encaixavam no perfil por não possuírem problemas de fertilidade, depois souberam que eles aceitavam apenas casais heterossexuais. O convênio de saúde não cobria o tratamento e tiveram que gastar suas reservas financeiras para pagar 2 procedimentos de inseminação artificial e 3 de fertilização in vitro, quando então engravidaram. Durante todo esse processo consideraram que foram bem tratadas pelos profissionais de saúde, mas se incomodaram com o fato de que os prontuários, fichas e cadastros a serem preenchidos constavam apenas as opções: esposo/esposa, marido/esposa, pai/mãe.

Tiveram que trocar de médico no pré-natal, pois se sentiram desconfortáveis ao receberem perguntas inconvenientes sobre o porquê de escolherem ter filhos e sobre a ausência do pai. A segunda médica foi muito gentil e atenciosa e sempre as tratou como um casal. Vitória nasceu de cesariana, em hospital privado, de 39 semanas. A médica disse que seria mais seguro do que o parto normal, já que fizeram tratamento e demoraram a engravidar.

Ana deixou de trabalhar para cuidar da filha e agora não possuem mais convênio de saúde. Passaram a frequentar a UBS do bairro e estão gostando do atendimento. Ana e Letícia estão muito felizes com a filha, mas ainda estão aguardando o processo jurídico para conseguir registrar Letícia como mãe na certidão de nascimento. Na certidão por enquanto consta apenas o nome da mãe biológica, Ana. Vitória já está andando e indo para a escolinha. Volta e meia alguém pergunta qual das duas é a mãe de verdade.

Caso 6

A unidade básica de saúde X costuma atender muitos imigrantes bolivianos, que residem no seu entorno e trabalham nas oficinas de costura, na maioria das vezes sem qualquer direito trabalhista. María tem 20 anos e chegou no Brasil há aproximadamente um ano, vinda da zona rural da Bolívia. Trabalha como costureira muitas horas por dia.

Alice também é usuária da unidade básica de saúde X. Descendente de japoneses de terceira geração, tem 39 anos, um filho de dez anos, fez faculdade e pós-graduação. Quando se separou do pai de seu filho ficou sem plano de saúde e a partir de então passou a usar a UBS.

María aguardava pela consulta com a ginecologista há mais de uma hora. Alice chegou, entregou sua carteirinha à enfermeira e 15 minutos depois entrou para a consulta. A médica perguntou se Alice tinha alguma queixa, coletou material para o exame de Papanicolau e deu orientações gerais sobre métodos contraceptivos, perguntando, entre outras coisas, se Alice já havia pensado em colocar um DIU ou em usar diafragma.

Naquela manhã, María foi a última paciente atendida pela ginecologista e, como já estava na hora de a médica ir embora, a consulta foi bem rápida. María estava com a menstruação atrasada e queria fazer um teste de gravidez, pois tivera relações sexuais sem proteção com um homem que conhecera na festa de aniversário de sua amiga, também boliviana. Esse homem, brasileiro, era o dono da oficina onde sua amiga trabalhava. Com vergonha e diante da pressa da doutora, María não conseguiu explicar à ginecologista o que fora fazer no posto de saúde. A médica, então, coletou material para o exame de Papanicolau e falou para María voltar outro dia, para saber o resultado do Papanicolau.